

# Marcelino dos Santos homem de mente aberta

FAMILIARES, amigos e companheiros de luta que prestaram a última homenagem ontem, em Maputo, ao herói nacional, Marcelino dos Santos, consideram-no homem de mente aberta e um dos políticos feis aos seus princípios e ideais.

Nascido em 1929, no Lumbo, província de Nampula, Marcelino dos Santos, foi membro-fundador da FRELIMO e deixa de entre várias célebres frases que marcarão gerações: "Enquanto houver

revolução por refazer, não há tempo para morrer".

Ilundi dos Santos, filha de Marcelino dos Santos, a residir na África do Sul, disse que o pai passou os últimos anos de vida muito fragilizado.

"Era homem de muita conversa, mas os seus últimos dias os passou muito fragilizado, devido à doença".

A filha lembrou que Marcelino dos Santos era um homem que aceitava confrontações de ideias e, por isso, as discussões que, por vezes, se tornavam azedas faziam parte



Ilundi dos Santos

do dia-a-dia da família.

Na hora do adeus, Ilundi dos Santos disse guardar muitas lembranças do seu pai, dentre as quais momentos vividos na Tanzânia, durante a guerra de libertação nacional, pois apesar das ocupações, Marcelino sempre reservou espaço para a família, como homem de princípios e honesto que lutou até conquistar os seus sonhos.

"Como família, estamos a atravessar um momento muito triste e acreditamos que o país e o mundo tam-

bém sentem o mesmo, porque o nosso pai e avô transcendia fronteiras com a sua capacidade de comunicar com todos", disse Ilundi.

Para a família, os ensinamentos constituem o grande legado deixado por Marcelino dos Santos e espera-se que sejam continuados pelas gerações vindouras.

"Por exemplo, o meu pai gostava de ajudar as pessoas, em algum momento mandava parar o seu carro oficial para ajudar alguém necessitado na rua", disse.

## Alta capacidade de sintetizar ideais



TEODATO Hunguana, membro sénior da Frelimo, disse que a morte de Marcelino dos Santos marca o fim dos seus dias vividos intensamente em prol do bem-estar dos moçambicanos, de África e do mundo. "O que eu guardo de Marcelino dos Santos é a sua vontade de transformar as coisas e ele dizia que enquanto houver revolução vamos refazer", disse Hunguana, adiantando que Marcelino sentia essa necessidade, porque percebia que neste percurso algo deu errado e era preciso refazer as coisas.

## Manter o amor à pátria



O MINISTRO dos Combatentes, Carlos Siliya, elogiou o sentimento de amor à pátria que Marcelino dos Santos sempre teve, defendendo que a juventude deve assumir o mesmo espírito de lutar pelo bem-estar do país e dos moçambicanos.

Acrescentou que Marcelino dos Santos sempre se empenhou para ver Moçambique independente e, sobretudo, a viver num ambiente de paz. Para além do amor à pátria, Carlos Siliya destacou o carinho que Marcelino dos Santos tinha com os cidadãos.

"Nunca vi Marcelino dos Santos zangado com as pessoas", afirmou, acrescentando que a unidade nacional passa também por os cidadãos demonstrarem o amor pelo próximo. Indicou ainda que a juventude deve ser ensinada a ser persistente nas suas convic-

ções, estudar para ter emprego, contribuir para o desenvolvimento e crescimento do país, tal como o fez Marcelino dos Santos.

Na ocasião, o ministro dos Combatentes definiu Marcelino dos Santos como uma figura incontornável na história da luta de libertação nacional, tendo em conta os seus feitos. Lembrou que muito jovem esteve envolvido nos movimentos de libertação de Moçambique, mas também ao nível das antigas colónias portuguesas como Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde, entre outras, destacou-se.

Na luta específica dirigida pela Frelimo, ocupou lugares-chave dirigindo a política externa do então movimento de libertação, sendo activo e persistente para que Moçambique fosse independente.

## Morreu um poeta

PARA Óscar Monteiro, companheiro de trincheira de Marcelino dos Santos, calou-se um poeta, um homem que usou também a poesia para lançar o grito dos africanos pela independência.

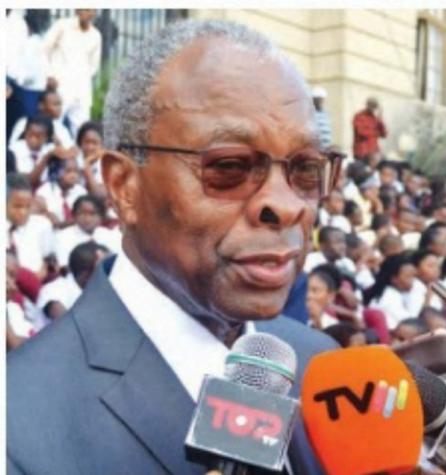
Disse que ele será recordado pelos seus pseudónimos Kalungano e Lilinho Micaia. Marcelino tem um único livro publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos, em 1987, intitulado "Canto do Amor Natural".

Por seu turno, José Luís Cabaço descreveu a sua relação com Marcelino dos Santos como tendo sido íntima, de amizade e família desde os tempos de luta de libertação nacional quando ambos eram combatentes.

Esta amizade continuou durante todo o percurso quando ambos assumiram cargos governamentais desde a independência até à morte de Marcelino dos Santos, no dia 11 de Fevereiro corrente.



## Cidade de Maputo reflecte seu percurso



A VIDA de Marcelino dos Santos está igualmente ligada à cidade de Maputo e, por isso, merece toda a homenagem dos munícipes, segundo o presidente do Conselho Municipal da Cidade de Maputo, Eneas Comiche.

O edil indicou que Marcelino dos Santos passou vários momentos da sua vida no bairro Chamanculo e, por conta disso, o município de Maputo homenageou-o atribuindo o seu nome a uma rua no distrito Nhlanhankulu.

Eneas Comiche disse ainda que em todas as decisões que Marcelino dos Santos participou contribuiu para a construção do país, sendo que se reflectem na capital de Moçambique.

Disse que a última homenagem a este herói aconteceu no Paços do Município, local nobre ligado à vida do país, onde Samora Machel tomou posse e, depois da sua morte, Marcelino dos Santos fez o elogio fúnebre.

Lembrou que Marcelino dos Santos liderou muitas frentes, desde a área do desporto, artes e luta pela independência, tendo inspirando muitos cidadãos nacionais e estrangeiros.

## Deixou um vazio ao país



PARA Armando Chivule, antigo combatente, Marcelino dos Santos deixou um vazio no país, mas em vida ensinou os moçambicanos a lutar pela independência nacional. Entende ainda que Marcelino dos Santos foi um homem importante para o país inteiro e exemplo de bom dirigente.

Conforme disse, trata-se do herói nacional que lutou lado a lado com Eduardo Mondlane na conquista da independência nacional e será lembrado pelas suas obras que deixou para os moçambicanos.

Chivule enaltece, igualmente, o espírito de ensino que Marcelino demonstrava aos combatentes em tempos de guerra, o que permitiu que estes enfrentassem sabiamente o colonialismo português e conquistassem a independência.

## Penetrava em todos segmentos da sociedade

PARA Fernando Sumbana, antigo ministro do Turismo, Marcelino dos Santos conversava e convivia com todos os cidadãos, com o objectivo de transmitir valores morais e éticos, independentemente do seu nível social.

"Nunca se cansava e estava sempre disponível para todos que se aproximavam a ele", disse Sumbana, acrescentando que este foi um homem atencioso e muito hu-

milde durante o seu percurso

Por outro lado, Fernando Sumbana disse que nos próximos tempos sentir-se-á a falta de Marcelino dos Santos nos grandes momentos dos campeonatos africanos de basquetebol na zona, sobretudo da capacidade de transmissão de execução aos atletas.

"Choramos todos", disse, classificando-o de um herói nacional e grande herói do desporto.



## PR recebe condolências de Cabo Verde e RASD

O PRESIDENTE da República, Filipe Nyusi, recebeu mensagens de condolências do antigo ministro das Relações Exteriores de Cabo Verde e Combatente da Liberdade da Pátria, o Comandante Silvino da Luz, e do seu homólogo da República Saharai Democrática (RASD), Brahim Ghali, pelo falecimento do herói nacional, Marcelino dos Santos.

Na mensagem, o antigo chefe da diplomacia cabo-verdiana refere que tomou conhecimento da triste notícia que se abateu sobre a nação que o viu nascer, sobre o mundo dos antigos PALOP e sobre África, do falecimento do camarada Marcelino dos Santos, co-fundador da FRELIMO, herói da pátria moçambicana.

"Com a partida deste ícone das nossas epopeias libertadoras, insigne filho da mamãe África que, ao lado dos outros grandes - Eduardo Mondlane, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Viriato Cruz, Mário Pinto de Andrade e os demais companheiros percursos da longa caminhada, desde os longínquos anos quarenta, da Casa dos Estudantes do Império e do Clube dos Marítimos, em Portugal, se entregaram completa e corajosamente ao destino das suas terras - Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé Príncipe, mas também à da África, toda ela, indicando e desbravando exemplarmente o caminho glorioso da luta comum, a estrada longa para a libertação total do domínio colonial e da exploração, Moçambique ficou mais pobre. Os antigos PALOP ficaram mais pobres. A África ficou mais pobre", lamenta o antigo dirigente cabo-verdiano.

Para o combatente da liberdade cabo-verdiana, partiu um companheiro e grande amigo, patriota eminente, político visionário, diplomata e homem de Estado e de cultura que deixou

como herança a visão contagiante da mensagem, sempre crítica e actual, do futuro das nossas terras e a lembrança das responsabilidades acrescidas dos que vão ficando e das gerações que vão recebendo o facho.

"Nesta hora triste e de profunda meditação, rogo-lhe respeitável camarada, me conceda a honra de ser intérprete fiel junto de toda a nação moçambicana, dos companheiros da FRELIMO e de toda a ilustre família do perpétuo Kalungano, dos meus sentimentos mais genuínos de pesar e luto e de fraterna solidariedade", sublinha o antigo chefe da diplomacia de Cabo Verde.

O Presidente da República Saharai Democrática refere que foi com enorme tristeza e profundo pesar que tomou conhecimento do desaparecimento físico de Marcelino dos Santos.

"Em nome do Governo e do povo da República Saharai e em meu próprio gostaria de transmitir a si, à FRELIMO, ao povo irmão moçambicano e à família do falecido, os nossos mais sentidos pêsames e nossas profundas condolências nestes tristes momentos", lê-se na mensagem do Presidente Saharai.

Para o governante saharai, Marcelino dos Santos foi um dos grandes expoentes do anticolonialismo e do nacionalismo africano e uma destacada figura política que fez da sua caneta e sua palavra uma arma poderosa contra a injustiça e a opressão.

"O povo saharai, que continua a sua luta pela liberdade e independência, embora partilhe a dor pela perda deste grande líder, também é inspirado pelos mesmos ideais e valores pelos quais ele e Samora Machel e muitos outros heróis moçambicanos ofereceram suas vidas", salienta o Presidente Brahim Ghali.